

LUMEN GENTIUM E GAUDIUM ET SPES: FUNDAMENTOS PARA UMA IGREJA SINODAL

LUMEN GENTIUM AND GAUDIUM ET SPES: FUNDAMENTALS FOR A SYNODAL CHURCH

Adriano José Alves Ramos¹

Resumo: Ao resgatar a temática do Concílio Vaticano II, amparados principalmente pela Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, podemos ver que a Igreja, Sacramento Universal de Salvação, se apresenta ao mundo numa postura de diálogo com o homem em sua realidade concreta e situada. A partir de uma conversão pastoral, ela está mais preocupada em acolher do que anatematizar, adota uma reflexão teológica em saída que busca compreender a crise do humano. A contar de uma fé encarnada, compreende que Deus quer a salvação de todos e, adotando um comportamento inclusivista, acolhe o homem que está em constante mudança. É a figura de uma Igreja Sinodal (projeto da Trindade) que, de forma especial no Pontificado do Papa Francisco, compreende que escutar é mais que ouvir e que a maior autoridade está no serviço e o maior poder está na cruz. Enfim, a Igreja assimila que somente saindo de sua comodidade poderá tocar com profundamente na sacralidade do humano.

Palavras-chave: Gaudium et Spes. Lumen Gentium. Diálogo. Conversão Pastoral. Salvação.

Abstract: By rescuing the theme of the Second Vatican Council, supported mainly by the Pastoral Constitution *Gaudium et Spes* and Dogmatic Constitution *Lumen Gentium*, we can see that the Church, Universal Sacrament of Salvation, presents itself to the world in a posture of dialogue with man in his reality concrete and situated. Based on a pastoral conversion, she is more concerned with welcoming than anathematizing, adopting an outgoing theological reflection that seeks to understand the human crisis. Based on an incarnated faith, she understands that God wants everyone's salvation and, adopting an inclusivist behavior, she welcomes the man who is in constant change. It is the figure of a Synodal Church (Trinity project) which, in a special way in the Pontificate of Pope Francis, understands that listening is more than hearing and that the greatest authority is in service and the greatest power is in the cross. Finally, the Church assimilates that only by leaving its comfort zone will it be able to touch deeply in the sacredness of the human.

Keywords: Gaudium et Spes. Lumen Gentium. Dialogue. Pastoral Conversion. Salvation.

Introdução

A partir da leitura dos documentos conciliares, Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (sobre a Igreja) e Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo atual), juntamente com outros documentos pós sinodais, nos deparamos com a

¹ Graduando em Teologia da Faculdade João Paulo II (FAJOPA).

grande proposta de “atualização” (*aggiornamento*) do Concílio Vaticano II, que convoca a Igreja e sua ação pastoral para a realidade hodierna no sair de si mesma e ver os problemas atuais como seus problemas. É um olhar eclesiológico que parte de uma teologia ascendente (encarnada), pois ao considerar apenas uma teologia que parte de cima (descendente) existe a grande tentação de, a partir de uma “doutrina/lei”, sacrificar a pessoa antes de conhecer suas particularidades e condicionamentos. A partir de então, amparados pela investigação teológica, verificamos que Deus age, se revela na história e deseja a salvação de todos os homens. A Igreja em resposta é aquela que tem a missão de tornar concreto e realizar esse desejo. Frente a esse desafio, focaremos no modo de ser Igreja hoje, Sacramento Universal de Salvação, que mais se importa em acolher do que anatematizar, que busca abraçar e dialogar com o homem em sua realidade concreta e situada.

1. Uma reflexão teológica em saída

Ao fazer um resgate do que foi a inspiração do Concílio Vaticano II para a Igreja, destacamos a sua questão pastoral e missionária na sociedade contemporânea e sua forma de vivenciar a fé em Jesus Cristo. Mesmo não trazendo a proclamação de um novo dogma o Concílio Vaticano II é marcado fortemente por sua característica teológica e eclesiológica, ao confirmar a tradição da Igreja e ao convidar a mesma para uma abertura aos anseios da modernidade, respectivamente. Nesse sentido, as posições marcadas pela Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, ao lado da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, expõem com excelência o objetivo do Concílio Vaticano II, tal como pensou João XXIII e foi confirmado por Paulo VI: a realidade pastoral de uma Igreja inserida no mundo atual, a partir de uma atualização (*aggiornamento*) cujo marco é o diálogo, sendo presença e trazendo significado à vida do homem pós-moderno. Na *Gaudium et Spes* é possível vislumbrar que a Igreja, reencontra o seu caminho de ação pastoral e evangelização da humanidade no tempo atual ao fazer-se próxima e ao reconhecer que as preocupações hodiernas também são suas preocupações e, por ser discípula de Cristo, sua opção preferencial deve ser os excluídos, os últimos: os destinatários primeiros da mensagem e ação da Igreja, assim como fez o próprio Cristo.

A atualidade nos lança muitos desafios, a começar pela fragmentação do homem, ou melhor, pela crise do humano. O homem hodierno apresenta-se a si mesmo e ao mundo como um ponto de interrogação, muitas vezes não sabe o que quer e aonde quer chegar;

ora é visto como mero consumidor de coisas, ora como a própria coisa que consome ou simplesmente como um objeto de uso/descarte. É “a grave carência de uma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo” (EG, 2013, n.55). Diante dessa realidade, a Igreja como esposa de Cristo e Mãe de muitos filhos não poderia adotar uma postura de imparcialidade e fingir que isso não diz respeito a sua seara. Foi exatamente nesse palmilhar que o Espírito de Deus iluminou seu servo, João XXIII, para convocar o Concílio Vaticano II e trazer uma profunda renovação espiritual à toda a vida da Igreja frente às novas exigências da atualidade, mantendo-se fiel ao testemunho do Senhor.

Ao contrário do que muitos pensavam, João XXIII não foi o papa de transição, mas sim o papa da transição de uma Igreja “fechada” em suas estruturas – um jeito de ser Igreja que teve o seu valor ao atender as demandas do passado, pois a Igreja sempre dá uma resposta para cada época histórica – para uma Igreja que agora se abre ao mundo e quer ouvir seus filhos. É o caminho sinodal, o caminhar junto que se dá através do diálogo, não só vencendo a dicotomia entre a hierarquia e os leigos, mas também com um olhar e ação para fora de seus muros.

Os documentos conciliares versam e trazem luz exatamente para esses pontos aqui levantados, uma vez entendido que o problema do homem é também o problema da Igreja. Esses documentos impactaram e apresentam o novo “rosto” da Igreja.

Um dos maiores e mais significativos textos do Concílio Ecumênico Vaticano II, colocado no coração deste acontecimento de grande importância para a Igreja atual, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, documento sobre a Igreja no mundo contemporâneo, indiscutivelmente influenciou a vida da Igreja e a reflexão teológica a partir da segunda metade do século XX, sendo que nós somos hoje, em toda parte, um pouco seus filhos. (MANZATTO, 2009, p. 90)

Tais documentos, como a *Gaudium et Spes*, possibilitam aos cristãos um novo modo de pensar e de ver a Igreja, influencia o campo pastoral e em consequência o teológico, cuja proposta é de encontrar novamente o mundo contemporâneo, não para “dominá-lo”, mas sim evangelizá-lo. Essa evangelização se dá na fidelidade a Cristo e ao seu anúncio a todo o mundo, bem como na fidelidade à Tradição, ao Depósito da Fé, que é a condição para a credibilidade da Igreja, ao mesmo tempo que deve se ter uma “fidelidade” à situação, pois a ação, a vida e a teologia da Igreja sempre são situadas. Disso decorre que no decurso do tempo, sempre a Igreja teve que se posicionar e, à luz do Santo Espírito de Deus, dar respostas para aquele momento mediante a Revelação, o

Depósito da Fé. Assim, como dissemos, o momento que passamos é de crise do humano, porém nosso constante desafio nesse contexto é de promover um encontro sadio e redentor entre as Verdades da Igreja (e sua Tradição) e a atual situação da humanidade.

A postura da Igreja em saída é uma postura de alegria por causa do Evangelho, uma alegria que enche a vida daquele que se coloca em missão, uma alegria que enche todo o Corpo Místico. Lembra-nos a *Evangelii Gaudium*: “A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (2013, n.24). Tal postura se traduz num movimento de conversão pastoral, como também nos lembra o documento de Aparecida, “que implica escutar com atenção e discernir ‘o que o Espírito está dizendo às Igrejas’ (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (2007, n.366). Ou seja, a Esposa de Cristo é chamada a assumir o seu caráter mais profundo de missionariedade, como afirma a *Lumen Gentium*:

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cfr. Mc. 16,15). Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. (1964, n. 1)

O Concílio Vaticano II preocupou-se em oferecer aos fiéis e ao mundo todo um ensinamento mais preciso a respeito da natureza e missão universal da Igreja, Sacramento que une Deus ao gênero humano através do anúncio de Cristo, Luz dos povos. Nesse sentido, estabelecer diálogo com as novas realidades e configurações sociais não significa conviência ou o simples concordar com as novas estruturas da sociedade, significa antes de tudo partilhar tamanha riqueza que possuímos no Depósito da Fé e na vida sacramental.

Quando a Santa Igreja, através do Concílio Vaticano II, nos convida a dialogar com o mundo e a assumir os seus problemas significa que a nossa missão é apresentar ao mundo a beleza do Evangelho, a beleza da vida em Cristo ressuscitado. Dessa forma, podemos dizer que o presente momento que vivenciamos é de encontro, da Igreja em saída, que acolhe e vai até o seu povo. “Nesta perspectiva é que a *Gaudium et Spes* desenvolve toda a sua reflexão, afirmando a história humana não simplesmente como exílio, algo a ser simplesmente suportado, mas como lugar de construção do humano, ‘matéria-prima’ do Reino de Deus” (MANZATTO, 2009, p. 81).

Nesse sentido, verificamos que o novo olhar da Mãe Igreja, inaugurado pelo Concílio Vaticano II, não é uma utopia, é a expressão da autoridade do Magistério da Igreja que, assim como Cristo, quer à salvação do “homem concreto”, inserido em um contexto; o homem situado, que tem problemas, alegrias e fadigas. À vista disso, o Concílio quis esclarecer o mistério do ser humano falando a todos e cooperando na solução dos problemas hodiernos.

2. Deus quer a salvação de todos

Ao considerarmos a crise do humano é importante frisar e não desconsiderar que um de seus reflexos é o distanciar-se das coisas sagradas e de Deus. O Catecismo da Igreja Católica ao recuperar os ensinamentos de Santo Agostino e Santo Tomás de Aquino nos afirma: “meu corpo vive de minha alma, e minha alma vive de vós. Só Deus satisfaz” (2000, n. 1718). Isso significa que sem o Criador a criatura perde seu sentido de ser, aliás, provém do mesmo Deus as realidades mundanas quanto as realidades da fé, por isso é dever da Igreja relacionar-se com esse mundo e evangelizá-lo, pois aí se encontra o homem pós-moderno que tanto precisa e é chamado a encontra-se com Deus; ou melhor, a ação e a presença de Deus na história do homem têm o objetivo último de conceder-lhe a salvação.

O Concílio Vaticano II, muitas vezes mal interpretado, vem nos lembrar que Deus quer a salvação da humanidade a partir de sua realidade, de seu estado, do lugar onde vive e realiza sua história, ou seja, a salvação é endereçada ao mundo todo. “Deus, nosso Salvador [...], quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2, 3-4). Para tanto, a *Lumen Gentium* ao lado da *Gaudium et Spes*, a partir de uma ampla visão eclesiológica destacam a postura de abertura da Igreja ao mundo (pós-moderno) não mais fechada em si mesma, porque a Igreja agora esforça-se para interpretar o viver humano em suas múltiplas relações juntamente com o anúncio do Evangelho e do conteúdo indelével da Revelação de acordo com as exigências de cada época histórica; quer dizer, uma necessidade pastoral permanente.

A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral [...] A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos sócio-culturais bem

concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. (DAP., 2007, n. 366 e n. 367)

Nesse trecho citado fica claro que a Igreja na sua postura “em saída”, frequentemente recuperada após o Concílio Vaticano II, está profundamente preocupada com o homem na sua real condição e quer que ele se salve. Para tanto, fundamental importância possui a questão da inculturação – entendida como identidade de um povo que possui elementos culturais próprios – e a escuta da Palavra de Deus, pois sua vivência na história evoca a exigência de um olhar apurado sobre a situação, sobre o homem; é um movimento dialético, natural à experiência cristã.

Pregando o Evangelho, a Igreja atrai os ouvintes a crer e confessar a fé, dispõe para o Batismo, liberta da escravidão do erro e incorpora-os a Cristo, a fim de que n'Ele cresçam pela caridade, até à plenitude. E a sua ação faz com que tudo quanto de bom encontra no coração e no espírito dos homens ou nos ritos e cultura próprios de cada povo, não só não pereça, mas antes seja sanado, elevado e aperfeiçoado, para glória de Deus, confusão do demônio e felicidade do homem (LG, 1964, n. 17)

Desta maneira, a Igreja passa a adotar uma postura inclusivista, uma postura acolhedora que revela seu verdadeiro rosto maternal e que permite uma profunda reflexão acerca de sua instituição; a Igreja é instituída e enviada por Cristo, é Sacramento Universal de Salvação, mas não o único, pois Deus pode usar de muitas maneiras para salvar o homem. “Se a Igreja se compreende em sua relação a Deus, de quem é discípula, por outro lado se compreende também a partir de sua relação com o mundo, criação de Deus a quem ela é enviada.” (MANZATTO, 2009, p. 91). Desse modo, o papel da Igreja é de mediação e caminho no alcance de todos os povos promovendo o encontro na plenitude da pessoa de Jesus Cristo. A exemplo de Cristo, sua preocupação não está em condenar ou demonstrar poder, mas sim em salvar e em servir.

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja vem com grande impulso na proposta de sua atualização. Ganhou corpo o tema *Ecclesia Semper Reformanda* (Cf. UR, n.6) juntamente com o olhar para o homem pós-moderno que também está em constante mudança; isto é, a dinamicidade permeia o nosso existir. Por isso que na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, em seu caráter eclesiológico, numa perspectiva de sinodalidade, destaca-se a atualização e concretização da presença da Igreja na atualidade, através do múnus do discipulado e da missão evangelizadora. Ora, enquanto membros do povo de Deus, os

leigos possuem igual dignidade aos ministros ordenados, pois; todos, e cada um a seu modo, são chamados à vida de santidade, “assim todo leigo, em virtude dos próprios dons que lhe foram conferidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da própria missão da Igreja ‘na medida do dom de Cristo’” (LG,1968, n. 83).

Nesse ínterim, a relação dos leigos com a hierarquia se dá na fraternidade, em obediência cristã aos clérigos enquanto representantes de Cristo, o qual através de Sua obediência, deu-nos o exemplo e abriu o caminho da liberdade dos filhos de Deus. Da mesma forma os pastores são convidados a promover e reconhecer a dignidade e responsabilidade dos leigos, usando do seu prudente conselho e de seus ofícios no serviço da Igreja.

Cada leigo deve ser testemunha do Cristo ressuscitado a partir da sua vivência na vida de Igreja e na sociedade, sendo santos como o Pai é santo, de modo que “o que a alma é no corpo, isto sejam no mundo os cristãos” (LG, 1968, n. 99). Essa visão, de certa forma, supera a eclesiologia clássica que valorizava apenas a hierarquia, mostra-nos que a ação da Igreja no mundo é algo comum a todos os cristãos que, pela graça do batismo, os coloca em situação de igualdade, diferentes apenas no que se refere a ação do Espírito Santo que chama cada qual a um papel específico de acordo com a diversidade de dons.

Em paralelo, a *Gaudium et Spes* expõe, por sua vez, pontos teológicos que destacam a presença de Deus na história humana. Deus que se revela gradualmente para oferecer salvação a todos os homens, considerando e valorizando a realidade criada e a palpabilidade existencial de cada homem. “Deus que age na história humana para oferecer salvação à toda a humanidade, levando em conta a concretude da existência e da história humana, enxergando nela os ‘sinais dos tempos’ e valorizando a realidade criada” (MANZATTO, 2009, p. 85).

Nesse sentido, a salvação da humanidade não é algo meramente conceitual, mas sim a salvação do humano dentro de um contexto, de uma história, em sua realidade existencial. Essa é a visão do Concílio, como nos diz a *Gaudium et Spes*:

A Igreja, por sua parte, acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos, oferece aos homens pelo seu Espírito a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação; nem foi dado aos homens sob o céu outro nome, no qual devam ser salvos. Acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e mestre. E afirma, além disso, que, subjacentes a todas as transformações, há muitas coisas que não mudam, cujo último fundamento é Cristo, o mesmo ontem, hoje, e para sempre. Quer, portanto, o Concílio, à luz de Cristo, imagem de Deus invisível e primogênito de toda a criação, dirigir-se a todos, para

iluminar o mistério do homem e cooperar na solução das principais questões do nosso tempo (1964, n. 10).

O mesmo documento (Cf. GS n. 32) também nos esclarece que a salvação além de se destinar a alma humana, destina-se da mesma maneira a toda a sua realidade. Ou melhor, a salvação não é reservada apenas a indivíduos isolados, mas para indivíduos que pertencem e formam um povo; aliás o ser humano não foi criado para ficar só, mas para realizar e desenvolver sua humanidade dentro de uma comunidade. Constatamos, dessa maneira, o teor da mensagem de salvação de Jesus Cristo à luz do mandamento de amar a Deus e ao próximo (Cf. Mc 12, 29-31) e à luz do relato de São Marcos nos dizeres de Jesus em seu Evangelho: “cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). A salvação trazida por Jesus Cristo é para o homem por inteiro, é para todas as pessoas e não pode ser reduzida a um caráter apenas espiritual ou individual; todos nós formamos o Povo de Deus. O Concílio nos possibilita passar de uma visão exclusivista da fé para compreendê-la numa abertura inclusivista que está altamente atinente ao concreto da existência humana.

3. A igreja sinodal é um projeto da Trindade

A Igreja é obra da Trindade e a iniciativa na relação entre Deus e o homem vem sempre de Deus, Ele nos amou primeiro e é Ele quem nos faz crescer – de forma muito especial e privilegiada – quando contemplamos e nos aprofundamos no mistério do nascimento, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, um mistério que envolve toda a Trindade. Assim, nosso crescimento nos tempos hodiernos, mais do que nunca, depende da vivência da sinodalidade que foi resgatada pelo Concílio Vaticano II; uma vez que essa sinodalidade é um desejo do Nosso Senhor.

Nessa última parte do nosso artigo, refletiremos sobre a figura do Papa Francisco e de seu pontificado dos quais emergem pontos chave para uma compreensão mais ampla da realidade sinodal vivida pela Igreja.

Em Francisco, o amor criativo de Deus é a razão prática do seu ministério petrino. Inspirado no mistério da Santíssima Trindade, a Pessoa de Deus Pai torna-se fonte para ele de toda prática e linguagem de ternura e de misericórdia. Por isso o Sumo Pontífice toca as pessoas, abraça as crianças que acorrem ao seu encontro, espalha sorrisos, lava os pés dos mais pobres e faz refeição com eles, telefona para alguém em situação de sofrimento e desespero e batiza o filho de uma mãe

solteira e de um casal que se casou apenas no civil. (XAVIER, 2044, p.154)

Francisco, na mesma linha de seus predecessores, evidencia que a Igreja deve agir de forma misericordiosa, porque o Pai é misericordioso. A Santa Igreja ensina que, no decurso do tempo, Deus Se revela ao homem de forma gradual e a plenitude dessa revelação se dá na pessoa e na missão de Jesus Cristo, por ação do Espírito Santo. Conseguimos entender esse itinerário pedagógico divino a partir dos relatos bíblicos que apresentam a história de um povo eleito que, ao fazer uma Aliança com Deus, anseia por plenitude, pelo reino da glória que será trazido pelo Messias.

A partir do Evento Cristo, nós somos um novo Povo porque temos um significado totalmente novo, que não se compara a nenhuma outra religião; pela primeira vez Deus se encarna, e todo esse enredo da Encarnação é sabiamente usado por Ele em seu insondável desígnio. Ou seja, Deus se revela na história e Seu Verbo também se encarna na história, assume para Si a natureza humana em sua totalidade – com exceção do pecado – e a eleva. “O Filho de Deus trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado” (GS, 2000, n. 22). Surge desse horizonte a iniciativa do Papa Francisco em escutar o povo de Deus como tem feito, por exemplo, na realização do 16º Sínodo dos Bispos: “Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”; visando no processo a participação de todos os fiéis católicos e cuidando para que sejam ouvidos sobre o que esperam do futuro da Igreja. Afinal, “uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta, consciente de que ‘escutar é mais que ouvir’” (EG, 2013, n. 171).

O Santo Padre, em seu papado, retoma à metodologia da *Gaudium et Spes* ao encontrar ali elementos singulares que fazem a Igreja partir da vida real em seus pronunciamentos. “Igualmente insiste que se deve considerar a situação real de cada ser humano às voltas com seus condicionamentos, antes de proferir um juízo moral” (EG, 2013, n.44). Com essa postura, Francisco não descarta o *depositum fidei*, muito pelo contrário, ele o conserva muito bem, para tanto, entende que a Igreja no seu papel de *Universale Sacramentum Salutis* deve ser a primeira a se importar com a sua ação pastoral frente a uma realidade completamente complexa e exigente. “Desse modo, manifesta um profundo respeito à trajetória pessoal de cada fiel, evitando descarregar sobre ele normas gerais, com precisão da capacidade individual de acatá-las” (MIRANDA, 2021, p. 43).

Por isso que, parafraseando o papa, falar em Igreja Sinodal será sempre recuperar a correta compreensão das autoridades na Igreja (Cf. MIRANDA, 2021, p. 44). Ora, se somos discípulos missionários de Jesus a única autoridade que nos cabe é a do serviço e o único poder só pode ser o da cruz. A reflexão teológica de Francisco nos dá um chacoalhão e nos faz revisitar o Concílio Vaticano II mais uma vez, nos lembrando que a hierarquia está a serviço da base, do conjunto do Povo de Deus igual a uma “pirâmide invertida²”.

Alerta-nos que enquanto ficarmos presos em um clericalismo teremos sérias dificuldades em viver uma sinodalidade, teremos uma seria dificuldade de acolher aquele que sofre e é excluído, o nosso irmão, o nosso próximo; estaremos novamente repetindo os papéis do sacerdote e do levita na parábola do Bom Samaritano (Cf. Lc 10, 25-37). Ademais, em sua homilia, na Santa Missa por ocasião do 60º Aniversário do Início do Concílio Vaticano II e memória de São João XXIII, o Sumo Pontífice nos orienta:

Quantas vezes, depois do Concílio, os cristãos se empenharam por escolher uma parte na Igreja, sem se dar conta de dilacerar o coração da sua Mãe! Quantas vezes se preferiu ser “adeptos do próprio grupo” em vez de servos de todos, ser progressistas e conservadores em vez de irmãos e irmãs, “de direita” ou “de esquerda” mais do que ser de Jesus; arvorar-se em “guardiões da verdade” ou em “solistas da novidade”, em vez de se reconhecer como filhos humildes e agradecidos da santa Mãe Igreja. Todos, todos somos filhos de Deus, todos irmãos na Igreja, todos Igreja, todos. O Senhor não nos quer assim: somos as suas ovelhas, o seu rebanho, e só o seremos juntos, unidos. Superemos as polarizações e guardemos a comunhão, tornemo-nos cada vez mais “um só”, como Jesus implorou antes de dar a vida por nós (cf. Jo 17, 21). (FRANCISCO, 2022)

O Santo Padre toca num ponto muito caro a nós, principalmente em nossa realidade aqui no Brasil. Isto é, quantas e quantas vezes em nossos discursos polarizantes, seja sobre questões políticas e até sobre o futuro da Igreja, muito mais dividimos que unificamos, não nos damos conta que estamos nos distanciando da comunidade de Amor que é a Trindade.

O Papa Francisco deseja que cada fiel católico assuma seu batismo como um verdadeiro evangelizador, possuidor do olhar do Bom Pastor que é capaz de promover a solidariedade e fraternidade numa sociedade ferida e carente de felicidade, ao exemplo do próprio Jesus Cristo na ocasião do Sermão da Montanha (Cf. Mt 5-7). Nesse empenho,

² Discurso do Papa Francisco por ocasião da comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos (18/10/2015).

é valorizado demasiadamente a ação do Espírito Santo, principalmente no povo mais simples, porque em suas dores e privações fazem a experiência do Cristo sofredor. “Toda reforma autêntica nasce da ação do Espírito Santo, fator de renovação na Igreja, que nos obriga a sair da zona de conforto e segurança para trilhar novos caminhos que o momento histórico exige” (MIRANDA, 2021, p. 46).

Em outras palavras, Francisco quer nos mostrar que no processo renovador da Igreja, movido pelo Espírito Santo, o pobre e o excluído também possuem um papel enriquecedor no Corpo Místico de Cristo; eis um elemento forte no papado de Francisco e no seu empenho na sinodalidade da Igreja. Por extensão, tornando realidade a conquista do Concílio Vaticano II, o projeto Sinodal que é fortemente trinitário, como expusemos acima, visa a plenitude do homem, sua felicidade, que passa inevitavelmente pela santidade entendida como um caminho de humanização. Lembra-nos a *Lumen Gentium*:

Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: ‘esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1Ts. 4,3; cfr. Ef. 1,4). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo; aparece dum modo especial na prática dos conselhos chamados evangélicos. A prática destes conselhos, abraçada sob a moção do Espírito Santo por muitos cristãos, quer privadamente quer nas condições ou estados aprovados pela Igreja, leva e deve levar ao mundo um admirável testemunho e exemplo desta santidade. (1964, n. 39)

Logo, viver a sinodalidade que Francisco nos propõe, é chancelar o aceite de uma abertura frutífera do caminhar com o outro vivendo as alegrias do Evangelho. É estar aberto a uma vida plena, santa, que tem a capacidade de promover e experienciar a concórdia e a justiça trazidas pela Boa Nova de Cristo àqueles que ainda não fizeram tal movimento; é estar profundamente absorvido pela prática do amor. “O amor criativo cura a vida doente, acolhe a vida estranha, respeita a vida tornada desprezível e embeleza a vida disforme” (MOLTMANN, 2004, p. 59).

Considerações finais

Em linhas gerais, a aproximação desses documentos e a correlação entre eles nos possibilita a uma reflexão profunda a respeito do pensar e ser Igreja na atualidade. Os documentos nos esclarecem como deve ser a postura dos fiéis chamados a ser “sal da terra

e luz do mundo” (Mt 5, 13-14) frente aquilo que se relacionam com a dignidade da pessoa humana, sua vivência em comunidade, o sentido da sua atividade, a função da Igreja, a promoção da cultura, a vida econômico-social-política, a paz e a comunidade dos povos em vista da construção de um mundo novo e poder levá-lo ao seu fim, “todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus” (GS, 1964, n. 24). Em outras palavras, a Igreja é aquela que, à luz das fontes bíblicas, da patrística e das posições dogmáticas do Magistério, aponta um caminho seguro para o homem e a mulher. Muitas críticas foram tecidas diante dessa visão positiva do Concílio para como o mundo, mas é preciso lembrar que Deus quer a salvação de todos a partir de sua realidade, da sua situação na história. Assim, os pontos levantados aqui são pertinentes para a atualidade ao considerarmos que as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, principalmente dos pobres e excluídos, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Jesus Cristo. Provoca-nos o sair de uma consciência fechada para o lançar-se com coragem e ousadia para a missão originária de toda a Igreja. Trata-se de uma mudança de perspectiva, um novo olhar pastoral, a vivência de uma fé encarnada, o encantar-se novamente com a essência do Evangelho que deve ser assumido como prática de vida sustentada pelo duplo mandamento do amor. Dessa forma, saindo de nós mesmos, da nossa comodidade enquanto paróquia, comunidade e demais localidades, realizar-se-á tal mudança e tocaremos profundamente na sacralidade que celebramos em cada momento litúrgico, tocaremos no humano.

Referências

BARREIRO, Álvaro. **A Figura Carismática de João XXIII e seu Programa Conciliar de "Aggiornamento"**. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/2630-Texto%20do%20artigo-9539-2-10-20141208.PDF>. Acesso em: 04 de março de 2021.

BEOZZO, José Oscar. **Concílio Vaticano II: continuidade e singularidades**. Revista Contemplações, 2015 (11), Ed. Especial. Disponível em: <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/76/79>. Acesso em: 05 de março de 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: VIER, Frederico (Org.). **Compendio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO - CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frederico (Org.). **Compendio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

DIAS, Tiago Cosmo da Silva. Ecclesia Semper Reformanda: a necessária e urgente reforma do papado. **Religião e Sociedade (PUC-SP)**, São Paulo, v.1, nº 26. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Discurso na Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos**. Vaticano: *Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana*, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Homilia na Santa Missa em Memória de São João XXXIII, Papa**: 60º aniversário do início do Concílio Ecumênico Vaticano II. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20221011-omelia-60concilio.html>>. Acesso em 13 de outubro de 2022.

MANZATTO, Antonio. Fundamentos Teológicos da *Gaudium et Spes*. **Revista de Cultura Teológica**. v. 17 - n. 68 - JUL/DEZ 2009.

MIRANDA, Mário de França. **Igreja Sinodal**. São Paulo: Paulinas, 2021. (Teologia do Papa Francisco).

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências e reflexão teológica**. Caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PASSOS, João Décio. **Método Teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Teologia do Papa Francisco).

PAULO VI, Papa. **Decreto Unitatis Redintegratio**: sobre o ecumenismo. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html>. Acesso em 13 de outubro de 2022

XAVIER, Donizete José. O Papa, o teólogo e o poeta: Uma análise da linguagem poética e metafórica de Francisco à luz da filosofia da linguagem de Paul Ricoeur. **Humanística e Teologia**, Lisboa, v. 39 n. 2 (2018).

Recebido em: 10/11/2022

Aprovado em: 12/12/2022